

Professor diz que saída foi “interessante”

Rio. — Foi um acordo interessante e pode ter sido positivo como tática política, se o Governo tinha informações sobre possível retaliação comercial por parte dos Estados Unidos. Essa foi a reação do economista Francisco Eduardo Pires de Souza, especialista em questões externas e professor da UFRJ e UFRJ, ao analisar o documento distribuído pelo Banco Central sobre o acordo preliminar firmado entre o Brasil e o comitê de bancos credores ontem.

Um dos pontos mais importantes destacados pelo economista foi a posição brasileira de só voltar a pagar os juros em 1988 se houver um acordo definitivo em que os bancos credores se disponham a fornecer recursos para o refinanciamento dos juros do ano que vem. “Não houve a suspensão formal da moratória”, foi a avaliação de Pires de Souza, para quem o fato de o Governo brasileiro reiterate a “disposição em procurar estar corrente a partir de janeiro de 88”, desde que disponha de “recursos advindos do acordo final a ser firmado”, conforme consta do documento do BC, foi uma estratégia adequada para o Brasil ganhar fôlego e superar as ameaças de sobretaxas nas exportações brasileiras feitas pelos EUA.

Pires de Souza também considerou aceitável os termos do acordo para o pagamento dos juros vencidos de outubro a dezembro deste ano, em que os bancos se comprometem a financiar dois terços (1 bilhão de dólares), enquanto o Brasil desembolsa os 500 milhões de dólares restantes em duas parcelas (novembro e dezembro deste ano): “Não será um desfalque para as reservas nacionais, pois calcula que o superávit esteja contribuindo com 500 milhões de dólares mensais”, analisou.